



Um conto de William Faulkner

Tradução e apresentação de
SUELI CAVENDISH

COMICIDADE, GROTESQUERIE E HORROR EM “FOLHAS RUBRAS”

William Faulkner raramente se furta a incursões na literatura do horror e “Folhas Rubras”^{*} é um dos espécimes mais legítimos dessa inflexão tantas vezes imprimida aos seus escritos. Nesse conto, porém, o horror evolui e se materializa por gradações que se iniciam pela ironia, seguida do humor e do grotesco até incluir em seu espectro o horror superlativo. O cenário inusitado é o de choque entre três culturas e raças, cuja originalidade encontra suporte na transferência do poder senhorial para a população indígena; isso exigirá da exímia pena faulkneriana que a poética da invenção opere em altíssima voltagem, uma vez que liberta de quaisquer parâmetros oferecidos pela realidade factual; e que se negue, do mesmo modo, a enveredar quer pela trilha do mito, quer pela da chamada literatura fantástica, quer ainda pela adoção de uma perspectiva politicamente simplista, o que o gênio faulkneriano por princípio evita.

A escravidão de negros por índios no Sul norte-americano do século XIX é o foco, o elemento que a desnaturaliza, até que, desnudada de sua iniquidade costumeira, venha a revelar-se em sua inteireza, por um lado, de aberração e de horror, se a vemos do ponto de vista dos costumes e das relações sociais e históricas, por outro, em seu valor intrínseco e universal – a escravidão *tout court*, fatalidade a que todos os humanos, sejam índios, brancos ou negros, um dia se submeterão, na inevitabilidade do enfrentamento do Senhor maior, a morte. *Doom*, cujo significado é “o Homem”, é o nome atribuído ao primeiro chefe do clã.

A data precisa da composição de “Folhas Rubras” é incerta, mas a história foi publicada em outubro de 1930 no jornal *Saturday*

Evening Post. Posteriormente viria a se tornar uma das histórias mais antologizadas do autor. Gene M. Moore (cf. *Towner and Carother's Reading Faulkner Collected Stories*) alega que à visão faulkneriana da cultura indígena falta precisão, o que vem ao encontro da crença faulkneriana na incompatibilidade entre os fatos e a verdade. Conta-se que a mãe de Calvin Brown, um historiador da Universidade de Oxford, no Mississipi, lhe perguntara, em certa ocasião, “de onde saíram os seus índios”, ao que Faulkner candidamente respondera: “Madame, eu os inventei”. Respondendo a Malcolm Cowley sobre a que tribo pertenciam os índios de “Red Leaves” – chickasaw ou choctaw – ele respondera no mesmo tom: “Os índios eram na verdade chickasaw, ou de agora em diante poderão vir a ser”.

Na primeira parte do conto, os efeitos de humor são produzidos em cascata, através da exposição da prática imitativa dos brancos pelos índios, como arremedo. Chinelos de saltos altos vermelhos comprados por Issetibbeha em Paris são o símbolo maior de soberania. Os negros são adquiridos porque conferem à tribo o *status* senhorial dos brancos. Mantidos em senzalas, arranjar-lhes ocupação – uma vez que o que “os negros mais gostam é de suar sob o sol” – constitui para os índios a maior tribulação advinda da sua posse. Quando morre o chefe Issetibbeha, chamado o Homem, o funeral não pode prosseguir porque, segundo os costumes, o cadáver há que ser enterrado juntamente com o cavalo, o cachorro e o serviçal do chefe, um negro vindo da Guiné. O negro foge pela mata e, ao novo chefe, Mokketubbe, um índio levado à obesidade pelo ócio, caberá a captura. Na caçada somos levados, por uma mudança no ponto de vista, à identificação com o homem da Guiné, o escravo em fuga, e é essa identificação que produz a tônica propriamente trágica da história.

* O conto é inédito no Brasil.

SUELI CAVENDISH
é professora adjunta do Departamento de Letras da UFPE, ensaísta e tradutora.

FOLHAS RUBRAS

William Faulkner

I

Os dois índios cruzaram a *plantation* em direção à senzala. Alvas com a caiação, erguidas em fino tijolo, as duas fileiras de casas nas quais moravam os escravos pertencentes ao clã confrontavam-se através da sombra suave do beco marcado e assinalado por plantas de pés e brinquedos improvisados emudecidos na poeira. Não havia sinal de vida.

“Sei o que vamos encontrar”, o primeiro índio disse.

“O que não vamos encontrar”, disse o segundo. Embora fosse meio-dia, o beco estava vazio, as portas dos casebres vazias e silenciosas; nenhuma fumaça de fogão emergia de quaisquer das chaminés rachadas e emplastradas.

“Sim. Aconteceu assim quando o pai dele, que é agora o Homem, morreu.”

“Você quer dizer, dele, que era o Homem.”

“Yao.”

O nome do primeiro índio era Três Cestos. Tinha talvez sessenta anos. Os dois eram atarracados, sólidos, como burgueses; pançudos, cabeçudos, caras grandes e largas, da cor da poeira, guardando a serenidade indistinta de cabeças entalhadas num muro em ruínas do Sião ou da Sumatra, semien-cobertas pela neblina. Presa na orelha, Três Cestos usava uma caixa de rapé esmaltada.

“Venho dizendo sempre que esse não é o melhor caminho. Nos velhos tempos não havia senzala, nenhum negro. O tempo de um homem lhe pertencia então. Ele tinha tempo. Agora precisa gastar a maior parte dele encontrando trabalho para eles que preferem suar.”

“São como cavalos e cachorros.”

“Não são como coisa alguma nesse mundo sensível. Não se contentam com nada que não seja o suor. São piores que os brancos.”

“Não é como se o Homem mesmo tivesse que encontrar trabalho para eles fazerem.”

“É isso. Não gosto de escravidão. Não é um bom caminho. Nos velhos tempos, havia o caminho certo. Mas não agora.”

“Você também não se lembra da maneira antiga.”

“Tenho escutado aqueles que lembram. E tenho tentado esse caminho. O homem não foi feito para suar.”

“É isso mesmo. Veja o que fez com a carne deles.”

“Sim. Negra. Tem gosto mais amargo também.”

“Você já comeu dela?”

“Uma vez. Eu era jovem na época e mais audacioso de apetite do que agora. Agora é diferente comigo.”

“É. Eles têm valor demais para serem comidos agora.”

“Há um gosto amargo na carne que eu não gosto.”

“Eles valem demais para serem comidos, de qualquer jeito, desde que os brancos lhes dão cavalos.”

Entraram no beco. Os brinquedos mudos, miseráveis – objetos de fetiche feitos de madeira e trapos e penas – jaziam na poeira perto dos degraus de pátina, entre ossos e cuias quebradas. Mas não havia nenhum som em nenhum casebre, nenhum rosto em qualquer porta; não tinha havido desde ontem, quando Issetibbeha morreu. Mas eles já sabiam o que iriam encontrar.

Era na cabana central, uma casinha um pouco maior que as outras, onde em certas fases da lua os negros se juntavam para começar suas cerimônias antes de se retirarem depois do cair da noite para o fundo do riacho, onde guardavam os tambores. Nessa sala guardavam os acessórios menores, os ornamentos misteriosos, a memória do cerimonial, que consistia de gravetos cobertos com barro vermelho arranjados em símbolos. Tinha um fogareiro no centro do soalho, sob um buraco no teto, com algumas cinzas frias de madeira queimada e um caldeirão de ferro suspenso. As persianas das janelas estavam fechadas; quando os dois índios entraram, deixando a inclemente luz solar, nada podiam distinguir com os

olhos, salvo um movimento, sombra, da qual globos oculares rolavam, de modo que o lugar parecia estar cheio de negros. Os dois índios se postavam à entrada.

“Yao”, Cestos disse. “Eu disse que esse não era um bom caminho.”

“Não creio que eu queira estar aqui”, disse o segundo.

“É o cheiro do medo do negro que você sente. Não cheira como o nosso.”

“Não creio que eu queira estar aqui.”

“Teu medo também tem um odor.”

“Talvez seja Issetibbeha que cheiramos.”

“Yao. Ele sabe. Ele sabe o que encontraremos aqui. Ele sabia, quando morreu, o que devíamos encontrar aqui hoje.” Do lusco-fusco espesso da sala os olhos, o cheiro dos negros ondulava em torno deles. “Eu sou Três Cestos, a quem vocês conhecem”, Cestos disse em direção à sala. “Viemos pelo Homem. Aquele a quem procuramos se foi?” Os negros nada disseram. O cheiro deles, de seus corpos, parecia fluir e refluir no ar quente estagnado. Pareciam estar meditando como se medita sobre algo remoto, inescrutável. Eram como um único polvo. Eram como as raízes descobertas de uma enorme árvore, a terra esfarelada momentaneamente sobre o entrançado revoltado, espesso, fétido de suas vidas sombrias e ultrajadas. “Então”, Cestos disse. “Vocês sabem da nossa missão. Ele a quem procuramos se foi?”

“Eles estão pensando em algo”, disse o segundo. “Eu não quero estar aqui.”

“Eles estão sabendo de algo”, Cestos disse.

“Eles o estão escondendo, você acha?”

“Não. Ele se foi. Foi-se desde ontem à noite. Já aconteceu antes, quando o avô dele que é agora o Homem morreu. Levamos três dias para apanhá-lo. Por três dias Fatalidade ficou sobre a terra, dizendo ‘Vejo meu cavalo e meu cachorro. Mas não vejo meu escravo. O que fizeram com ele que não me permitem descansar?’”

“Eles não gostam de morrer”.

“Yao. Eles resistem. Isso nos causa desgraça, sempre. Um povo sem honra e sem decoro. Sempre uma desgraça.”

“Não gosto disso aqui.”

“Nem eu. Mas paciência, são selvagens; não se pode esperar que respeitem a tradição. É por isso que digo que esse é um mau caminho.”

“Yao. Eles resistem. Prefeririam até trabalhar ao sol a entrar na terra com um chefe. Mas ele se foi.”

Os negros nada haviam dito, não emitiram nenhum som. Os globos oculares brancos rolavam selvagens, subjugados; o cheiro era rançoso, violento.

“Sim, eles temem”, o segundo disse. “O que faremos agora?”

“Vamos voltar e falar com o Homem.”

“Moketubbe ouvirá?”

“O que ele pode fazer? Não vai gostar. Mas ele é o Homem agora.”

“Yao. Ele é o Homem. Ele agora pode calçar os sapatos com os saltos vermelhos.” Eles deram as costas e partiram. Não havia porta no portal. Não havia portas em nenhum dos casebres.

“Ele calçou de qualquer jeito.”

“Pelas costas de Issetibbeha. Mas agora são seus sapatos, uma vez que ele é o Homem.”

“Yao. Issetibbeha não gostou. Ouvi falar. Sei que ele disse a Moketubbe: ‘Quando tu fores o Homem, os sapatos serão teus. Mas até então, são meus sapatos’. Mas agora Moketubbe é o Homem; ele pode usá-los.”

“Yao”, o segundo disse. “Ele agora é o Homem. Ele andava calçando os sapatos pelas costas de Issetibbeha e não se sabe se Issetibbeha sabia disso ou não. Então Issetibbeha tornou-se morto, que não era velho, e os sapatos são de Moketubbe, pois ele agora é o Homem. O que você acha disso?”

“Não penso sobre isso”, Cestos disse. “Você pensa?”

“Não”, o segundo disse.

“Bom”, Cestos disse. “Você é sábio.”

II

A casa ficava num outeiro, cercada de carvalhos. A frente era da altura de um andar, composta do convés de um barco a vapor

que tinha encajado e que Fatalidade, o pai de Issetibbeha, havia desmontado com seus escravos e içado sobre rolos de cipreste doze milhas por terra até a casa. Levaram cinco meses. A casa dele consistia à época de uma parede de tijolo. Ele colocou o barco a vapor com os costados para a parede, onde agora o dourado rachado e descascado dos frisos de rococó arqueava-se num esplendor ténue acima da inscrição brilhante dos nomes nas cabines de vapor acima das portas providas de persianas.

Doom tinha sido um mero subchefe, um Mingo, um dos três filhos do lado matrilinear da família. Ele fez uma viagem – era um jovem então, e Nova Orleans era uma cidade europeia – do norte do Mississipi a Nova Orleans num barco de quilha onde ele conheceu o Cavalheiro *Soeur Blonde de Vitry*, um homem cuja posição social, à primeira vista, era tão equívoca quanto a do próprio Doom. Em Nova Orleans, entre os jogadores e facínoras da beira do rio, Doom, sob a tutela do seu patrono, era conhecido como o chefe, o Homem, o proprietário por herança daquela terra que pertencia ao lado patrilinial da família; foi o *Chevalier de Vitry* que o chamou *du homme*, e portanto Doom.

Eles eram vistos juntos em toda parte – o índio, o homem atarracado com um rosto audaz, inescrutável, mestiço, e o parisiense, o expatriado, o amigo, se dizia, de Carondelet, e íntimo do general Wilkinson. Em seguida eles desapareceram, os dois, sumiram de seus antigos hábitats equívocos e deixaram atrás deles a lenda das somas que Doom supostamente teria conquistado, e uma história sobre uma jovem, filha de uma família razoavelmente bem-sucedida das Índias Ocidentais, o filho e o irmão da qual procuraram Doom com uma pistola em seus antigos hábitats durante um tempo depois do seu desaparecimento.

Seis meses mais tarde a própria jovem desapareceu, a bordo de um pacote de Saint Louis, que atracou uma noite numa rampa de madeira no lado norte do Mississipi, onde a mulher, acompanhada de uma criada negra, desembarcou. Quatro índios a encontraram com um cavalo e

uma charrete, e eles viajaram durante três dias, vagarosamente, uma vez que ela já ia adiantada na gravidez, para a *plantation*, onde ela ficou sabendo que Doom agora era o chefe. Ele nunca disse a ela como o conseguira, a não ser que seu tio e seu primo tinham morrido subitamente. Naquele tempo a casa consistia de uma parede de tijolos construída por escravos ineptos, contra a qual fora escorado um alpendre com telhado de palha dividido em quartos e entulhados de ossos e refugio, assentados no centro de dez mil acres de um incomparável parque florestal onde os gamos pastavam como gado doméstico. Doom e a mulher se casaram ali pouco tempo antes de Issetibbeha nascer, por uma combinação de ministro itinerante e mercador de escravos que chegou numa mula, em cuja sela foram amarrados um guarda-sol de algodão e um garrafão de três galões de uísque. Depois daquilo, Doom começou a adquirir mais escravos e a cultivar parte de suas terras, como os brancos faziam. Mas ele nunca tinha o bastante para eles fazerem. Em extremo ócio, a maioria deles levava uma vida transplantada em tudo das selvas africanas, salvo nas ocasiões quando, entretendo convidados, Doom os caçava com cães.

Quando Doom morreu, Issetibbeha, seu filho, tinha dezenove anos. Ele tornou-se proprietário da terra e da horda quintuplicada de negros para os quais ele não tinha nenhum uso. Embora o título de Homem lhe pertencesse, havia uma hierarquia de primos e tios que governavam o clã e que finalmente se reuniram de cócoras num conclave sobre a questão do negro, acorados com firmeza sob os nomes dourados acima das portas do vapor.

“Não podemos comê-los”, disse um.

“Por que não?”

“São demasiado numerosos.”

“Isso é verdade”, um terceiro disse.

“Uma vez que começássemos, teríamos que comer todos eles. E essa quantidade de carne não é boa para um homem.”

“Talvez venham a ser como carne de gamo. Não pode fazer mal.”

“Podíamos matar alguns deles e não

comê-los”, Issetibbeha disse.

Eles olharam para ele por um tempo. “Pra quê?”, um disse.

“É verdade”, um segundo disse. “Não podemos fazer isso. Eles são valiosos demais; lembre de todo o trabalho que nos deram, para encontrar coisas pra eles fazerem. Devemos fazer como fazem os brancos.”

“Como é isso?”, Issetibbeha disse.

“Criar mais negros limpando mais terras para plantar milho para alimentá-los, depois vendê-los. Vamos limpar a terra e plantá-la com comida e criar negros e vendê-los por dinheiro ao branco.”

“Mas o que faremos com o dinheiro?”, um terceiro disse.

Eles pensaram por um tempo.

“Veremos”, disse o primeiro. Eles se acoravam, profundos, graves.

“Isso quer dizer trabalho”, o terceiro disse.

“Deixe que os negros o façam”, o primeiro disse.

“Yao. Deixem. Suar é ruim. É úmido. Abre os poros.”

“E aí o ar noturno entra.”

“Yao. Deixem os negros fazerem. Eles parecem gostar de suar.”

Assim eles desbravaram a terra com os negros e plantaram-na com grãos. Até aquele momento os negros tinham morado num enorme chiqueiro com um teto inclinado num dos lados, como um chiqueiro de porcos. Mas agora começavam a construir senzalas, casebres, pondo os negros jovens nos casebres aos pares, para se acasalarem; cinco anos mais tarde Issetibbeha vendeu quarenta cabeças para um mercador de Memphis e pegou o dinheiro e foi para o estrangeiro, seu tio materno de Nova Orleans conduzindo a viagem. Naquela época, o Chevalier Soeur Blonde de Vitry era um velho em Paris, com uma peruca e um colete, com uma velha cara desdentada fixa numa careta excêntrica e profundamente trágica. Ele tomou trezentos dólares emprestados de Issetibbeha e em troca introduziu-o em certos círculos; um ano mais tarde Issetibbeha voltou para casa com uma cama dourada, um par de candelabros em cuja luz se dizia

que Pompadour arrumava o cabelo enquanto Louis sorria maliciosamente para o seu rosto refletido por cima do ombro empoado dela, e um par de chinelos com saltos vermelhos. Eram muito pequenos para seus pés, uma vez que ele não tinha usado nenhum calçado até que alcançou Nova Orleans a caminho do estrangeiro.

Ele trouxe os chinelos para casa em lenço de papel e guardou-os no bolso remanescente de um par de alforjes cheios de raspa de cedro, exceto quando os tirou ocasionalmente para seu filho, Mocketubbe, brincar com eles. Aos três anos de idade, Mocketubbe tinha uma cara de mongol larga e chata que parecia existir numa letargia completa e impenetrável, até que confrontada com os chinelos.

A mãe de Mocketubbe fora uma moça atraente que Issetibbeha tinha visto um dia trabalhando seu turno num campo de melões. Ele parou e olhou-a por um tempo – as coxas grossas e sólidas, as costas retas, a face serena. Ele estava a caminho do riacho para pescar naquele dia, mas não deu mais um passo; talvez, enquanto estava ali olhando a moça inadvertida, ele tenha se lembrado da própria mãe, a mulher da cidade, a fugitiva com seus abanos e renda e sangue negro, e toda a espalhafatosa cupidez daquele caso lamentável. Dentro de um ano Mocketubbe nasceu; mesmo aos três anos ele não conseguia pôr os pés nos chinelos. Observando-o nas tardes quentes e sossegadas enquanto ele lutava com os chinelos com certa rejeição monstruosa dos fatos, Issetibbeha sorria calmamente consigo mesmo. Riu de Mocketubbe e dos chinelos por muitos anos, porque Mocketubbe não desistia de tentar calçá-los até que completou dezesseis anos. Aí ele desistiu. Ou Issetibbeha pensou que sim. Mas ele tinha simplesmente parado de tentar na presença de Issetibbeha. A esposa mais jovem de Issetibbeha lhe disse que Mocketubbe tinha roubado e escondido os chinelos. Issetibbeha parou de rir então, e mandou embora a mulher, a fim de ficar só. “Yao”, ele disse. “Eu também gosto de estar vivo, parece.” Mandou chamar Mocketubbe. “Vou dá-los a você”, disse.

Moketubbe tinha vinte e cinco anos então, e era solteiro. Issetibbeha não era alto, mas tinha seis polegadas a mais que o filho e quase quarenta e cinco quilos a menos. Moketubbe já era doente da carne, com um rosto pálido, largo, inerte e mãos e pés hidrópicos. “Eles agora são seus”, Issetibbeha disse, olhando-o. Moketubbe tinha olhado para ele uma vez quando ele entrou, um olhar breve, discreto, dissimulado.

“Obrigado”, ele disse.

Issetibbeha olhou para ele. Jamais fora capaz de dizer se Moketubbe tinha visto qualquer coisa, olhara para qualquer coisa. “Por que não será o mesmo se eu entregar os chinelos a você?”

“Obrigado”, Moketubbe disse. Issetibbeha estava cheirando rapé no momento; um branco havia ensinado a ele como pôr o pó dentro do lábio e esfregá-lo nos dentes com um bastão de resina ou de malva.

“Bem”, ele disse, “um homem não pode viver para sempre”. Ele olhou para o filho, e em seguida seu olhar ficou vazio, invisível, e ele cismou por um instante. Não se podia dizer o que estava pensando, salvo o que ele pronunciou em meia voz: “Yao. Mas o tio de Doom não tinha sapatos com saltos vermelhos”. Olhou para o filho de novo, gordo, inerte. “Debaixo de tudo isso, um homem poderia pensar em fazer qualquer coisa e não seria descoberto até que fosse tarde demais.” Ele sentou-se numa cadeira de vime enredada com tiras de gamo. “Ele não pode nem calçá-los; ele e eu estamos frustrados pela mesma carne repulsiva que ele veste. Ele não pode nem calçá-los. Mas isso é minha culpa?”

Ele viveu por mais cinco anos, e depois morreu. Adoeceu uma noite e, embora o médico viesse numa pele de jaritataca e queimasse gravetos, ele morreu antes do meio-dia.

Isso foi ontem; o túmulo foi cavado e durante doze horas, agora o Povo vinha chegando em charretes e carruagens e no dorso de cavalos e a pé, para comer o cachorro assado e o milho verde com feijão e o inhame cozidos em cinzas e para participar do funeral.

III

“Serão três dias”, Cestos disse, enquanto ele e o outro índio voltavam para casa. “Serão três dias e a comida não será suficiente; eu já vi isso antes.”

O nome do segundo índio era Louis Berry. “Ele vai feder também, nesse tempo.”

“Yao. Eles não são mais que problemas e uma preocupação.”

“Talvez não leve três dias.”

“Eles correm para longe. Yao. Vamos cheirar esse Homem antes de ele entrar na terra. Você olhe e veja se não estou certo.”

Eles se acercaram da casa.

“Ele pode usar os calçados agora”, Berry disse. “Pode usá-los agora à vista de todos.”

“Ele não pode usá-los por um tempo ainda”, Cestos disse. Berry olhou para ele. “Ele vai conduzir a caça.”

“Moketubbe?”, Berry disse. “Você acha que ele irá? Um homem para quem até mesmo falar é penoso?”

“O que mais pode fazer? É o seu próprio pai que logo começará a feder.”

“Isso é verdade”, Berry disse. “Ainda há um preço que ele deve pagar pelos calçados. Yao. Ele verdadeiramente os comprou. O que você acha?”

“O que você acha?”

“O que você acha?”

“Não acho nada.”

“Nem eu. Issetibbeha não vai precisar dos sapatos agora. Deixe que Moketubbe os tenha; Issetibbeha não vai se importar.”

“Yao. O Homem deve morrer.”

“Yao. Que morra; ainda há o Homem.”

O teto de casca de árvore do pórtico era sustentado por estacas de cipreste descascadas, bem acima das cabines do barco a vapor, protegendo um tabuão sem assoalho onde na terra batida mulas e cavalos eram amarrados no mau tempo. Na extremidade dianteira do convés do barco a vapor sentava-se um velho e duas mulheres. Uma das mulheres estava recheando uma ave, a outra estava descascando milho. O velho estava falando. Estava descalço, num longo casaco de linho e um chapéu de castor.

“Este mundo está indo para os cães”, ele disse. “Está sendo arruinado pelos brancos. Conseguimos viver por anos a fio antes que os brancos empurrassem seus negros para nós. Nos velhos tempos os velhos sentavam-se na sombra e comiam guisado de carne de gamo e milho e fumavam tabaco e falavam de honra e assuntos graves; agora o que fazemos? Mesmo os velhos se desgastam até a morte tomando conta deles que gostam de suar.” Quando Cestos e Berry atravessaram o convés, ele parou e olhou para eles. Seus olhos estavam queixosos, lacrimejantes; no seu rosto miríades de pequeninas rugas. “Ele fugiu também”, disse.

“Sim”, Berry disse, “ele se foi”.

“Eu sabia. Eu disse isso a eles. Vai levar três semanas, como quando Doom morreu. Esperem e verão.”

“Foram três dias, não três semanas”, Berry disse.

“Você estava lá?”

“Não”, Berry disse. “Mas eu ouvi.”

“Bem, eu estava lá”, o velho disse. “Durante três semanas inteiras, pelos pântanos e urzes.” Eles prosseguiram e o deixaram falando.

O que havia sido o salão do vapor era agora uma casca, apodrecendo vagarosamente; o mogno polido, a entalhadura cintilando momentaneamente e sumindo no mofo em figuras cabalísticas e profundas; as janelas escavadas eram como olhos com catarata. Continham alguns sacos de semente ou de grão, e a parte da frente da engrenagem de uma caleche, no eixo da qual duas molas enferrujavam em curvas graciosas, sustentando o nada. A um canto um filhote de raposa corria incessante e silenciosamente de um lado a outro da gaiola de salgueiro; três galos de briga esqueléticos moviam-se na poeira, e o lugar estava salpicado e marcado por seus excrementos secos.

Eles passaram pela parede de tijolos e entraram num quarto grande cercado de paus. Nele havia a parte de trás da caleche, e a estrutura desmontada jazendo ao seu lado, a janela coberta por varas de salgueiro, através das quais se projetavam as cabeças, os olhos quietos, minúsculos e

ultrajados e as cristas arrepiadas de ainda outras aves de briga. O quarto era assoalhado com barro comprimido; a um canto se encostava um arado tosco e dois remos. Do teto, suspensa por quatro tiras de couro de gamo, dependurava-se a cama dourada que Issetibbeha tinha trazido de Paris. Não tinha nem colchão nem molas, o estrado entrelaçado agora por uma rede de tiras em bom estado.

Issetibbeha havia tentado fazer a sua esposa mais nova, a mais jovem, dormir na cama. Ele mesmo tinha um fôlego curto congênito e passava as noites semirreclinado na sua cadeira de vime. Ele a levava para a cama e mais tarde, acordado, dormindo como ele apenas três ou quatro horas por noite, sentava-se no escuro e simulava um cochilo e escutava seus infinitesimais movimentos furtivos para fora da cama dourada e adornada de fitas, para deitar-se num catre acolchoado no chão até pouco antes do nascer do dia. Então ela entrava calmamente na cama de novo e por sua vez simulava um cochilo, enquanto no escuro ao seu lado Issetibbeha calmamente sorria e sorria.

Os candelabros estavam presos por tiras de couro a dois paus encostados em um canto onde um garrafão de dez galões de uísque também jazia. Havia um fogareiro de barro; à frente deste, na cadeira de vime, Mocketubbe sentava-se. Ele tinha talvez uma polegada a mais que um metro e meio e pesava cento e catorze quilos. Usava um casaco de algodão fino e nenhuma camisa, a barriga de balão de cobre, redonda, macia, dilatando-se acima da parte de baixo de um traje íntimo de linho. Nos pés estavam os chinelos com saltos vermelhos. Atrás da cadeira dele postava-se um jovem com uma ventarola semelhante a um *punkah* indiano de papel franjado. Mocketubbe sentava-se imóvel, com sua face larga, amarela e seus olhos fechados e narinas chatas, seus braços estendidos que nem barbatanas. Na face havia uma expressão profunda, trágica e inerte. Ele não abriu os olhos quando Cestos e Berry entraram.

“Ele os está usando desde o amanhecer?”, Cestos disse.

“Desde o amanhecer”, o jovem disse.

A ventarola não parou. “Você pode ver.”

“Yao”, Cestos disse. “Podemos ver.” Mocketubbe não se mexeu. Parecia uma effígie, como um deus malaio em suas vestes, calças, torso nu, os triviais sapatos de saltos vermelhos.

“Eu não o perturbaria, se fosse vocês”, o jovem disse.

“Não se eu fosse você”, Cestos disse. Ele e Berry se acocoraram. O jovem movia a ventarola firmemente. “O Homem”, Cestos disse, “ouça”. Mocketubbe não se moveu. “Ele fugiu”, Cestos disse.

“Eu avisei”, o jovem disse. “Eu sabia que ele fugiria. Eu disse.”

“Yao”, Cestos disse. “Você não é o primeiro a nos dizer depois o que devíamos saber antes. Por que é que vocês sábios não deram um passo ontem para evitar isso?”

“Ele não deseja morrer”, Berry disse.

“Por que não deveria querer?”, Cestos disse.

“Porque ele ter que morrer um dia não é motivo”, o jovem disse. “Isso também não me convenceria, velho.”

“Segure a língua”, Berry disse.

“Por vinte anos”, Cestos disse, “enquanto outros da raça dele suavam nos campos, ele serviu o Homem na sombra. Por que não quereria morrer, uma vez que não queria suar?”

“E será rápido”, Berry disse. “Não leva tempo.”

“Encontre-o e lhe diga isso”, o jovem disse.

“Calado”, Berry disse. Eles se acocoraram, olhando o rosto de Mocketubbe. Ele bem podia estar morto. Era como se estivesse tão encaixado na carne que mesmo a respiração acontecia muito nas profundezas dele para se mostrar.

“Ouça, o Homem”, Cestos disse. “Issetibbeha está morto. Ele espera. Seu cachorro e seu cavalo nós temos. Mas seu escravo fugiu. Aquele que segurava o vaso para ele, que comia de sua comida, de seu prato, fugiu. Issetibbeha espera.”

“Yao”, Berry disse.

“Essa não é a primeira vez”, Cestos disse. “Isso aconteceu quando Doom, vosso avô, esperou deitado à porta da terra. Ele

ficou esperando três dias, dizendo, ‘Onde está meu negro?’ E Issetibbeha, vosso pai, respondeu, ‘Eu vou encontrá-lo. Descanse; eu o trarei até você para que você possa começar a jornada’”.

“Yao”, Berry disse.

Mocketubbe não se havia movido, não tinha aberto os olhos.

“Por três dias Issetibbeha procurou na baixada”, Cestos disse. “Ele nem mesmo retornou à casa para comer, até que o negro estivesse com ele; então ele disse a Doom, o pai dele, ‘Aqui está o vosso cão, o vosso cavalo, o vosso negro; descansai’. Issetibbeha, que está morto desde ontem, contou. E agora o negro de Issetibbeha fugiu. O cavalo e o cão esperam com ele, mas o negro fugiu.”

“Yao”, Berry disse.

Mocketubbe não se movera. Seus olhos estavam fechados; em sua forma monstruosamente indolente havia uma colossal inércia, algo profundamente imóvel, para além da carne, impérvio a ela. Eles olhavam para o seu rosto, acocorados.

“Quando vosso pai tornou-se o novo o Homem, isso aconteceu”, Cestos disse. “E foi Issetibbeha quem trouxe de volta o escravo para onde seu pai esperava para entrar na terra.” A face de Mocketubbe não tinha se mexido, seus olhos não tinham se mexido. Depois de um tempo Cestos disse: “Remova os sapatos”.

O jovem removeu os sapatos. Mocketubbe começou a arquejar, o peito nu movendo-se profundamente, como se ele estivesse emergindo do além de sua carne impenetrável de volta à vida, como se da água, do mar. Mas os olhos ainda não estavam abertos.

Berry disse: “Ele vai conduzir a caçada”.

“Yao”, Cestos disse. “Ele é o Homem. Vai conduzir a caçada.”

IV

Todo aquele dia o negro, o serviçal de Issetibbeha, escondido no celeiro, observou a morte de Issetibbeha. Ele tinha quarenta

anos, um homem da Guiné. Tinha um nariz chato, uma cabeça pequena, apertada; os cantos internos dos olhos mostravam-se um pouco avermelhados, e as gengivas proeminentes eram de um vermelho azulado pálido sobre os dentes largos e quadrados. Havia sido levado aos catorze anos por um mercador para fora de Camarões, antes que seus dentes fossem afiados. Tinha sido o serviçal de Issetibbeha por vinte e três anos.

No dia anterior, o dia em que Issetibbeha caiu doente, ele retornou à senzala no crepúsculo. Naquela hora de quietude a fumaça dos fogareiros soprava vagarosamente pela rua de porta em porta, transportando de umas para as outras o cheiro idêntico de carne e pão. As mulheres os preparavam; os homens estavam reunidos no começo da rua, olhando-o enquanto ele desceu a rampa da casa, pondo seus pés nus cuidadosamente na estranha obscuridade. Para os homens à espera, os seus globos oculares eram um tanto luminosos.

“Issetibbeha ainda não está morto”, o capataz disse.

“Morto não”, o serviçal disse. “Quem não?”

No escuro eles tinham rostos como o dele, as diversas idades, os pensamentos selados inescrutáveis por detrás de rostos como as máscaras mortuárias dos símios. O cheiro dos fogareiros, a comida, soprou forte e vagarosamente na estranha obscuridade, como se de outro mundo, acima da ruela e dos negrinhos nus na poeira.

“Se ele viver até depois do pôr do sol, ele viverá até a aurora”, um disse.

“Quem disse?”

“A fala diz.”

“É o que se diz.”

“Yao. ‘A fala diz.’ Sabemos uma única coisa.” Eles olharam para o serviçal enquanto ele se postava entre eles, os globos oculares um tanto luminosos. Respirava devagar e profundamente. Seu peito estava nu; ele suava um pouco. “Ele sabe. Ele sabe.”

“Vamos deixar que os tambores falem.”

“Yao. Deixem os tambores falarem.”

Os tambores começaram depois da escuridão. Eles os guardaram escondidos no fundo do riacho. Eram feitos de cones

ocos de cipreste e os negros os mantiveram escondidos; por que, ninguém sabia. Eram enterrados na lama no banco de um charco; um rapaz de catorze anos os guardava. Ele era de baixa estatura e mudo; acocorava-se na lama acolá o dia inteiro, debaixo de uma nuvem de mosquitos, nu a não ser pela lama com a qual se cobria contra os mosquitos e em volta do pescoço uma sacola de fibra contendo uma costela de porco à qual pedaços negros de carne ainda aderiam, e duas cascas escamosas num arame. Ele salivava nos joelhos dobrados, babando; de vez em quando índios vinham sorratamente dos arbustos atrás dele e ficavam lá e o contemplavam por um instante e iam embora, e ele nunca soube.

Do palheiro no estábulo onde estivera escondido até o escurecer e depois, o negro podia ouvir os tambores. Eles estavam a três milhas, mas ele os podia escutar como se estivessem no próprio celeiro abaixo dele, rufando, rufando. Era como se ele também pudesse ver o fogo, e os membros negros entrando e saindo do fogo em lampejos de cobre. Só que não haveria fogo. Não haveria ali nenhuma outra luz além da que havia quando ele jazia no palheiro poeirento, com os arpejos sussurantes de pés de ratos ao longo das vigas mornas e imemoriais, quadradas a machado. O único fogo acolá seria a fuligem contra mosquitos onde mulheres com filhos de peito se agachavam, os seios pesados e dormentes sugados serena e plenamente pelas bocas dos filhos dos homens; contemplativo, esquecido dos tambores, uma vez que um fogo significaria vida.

Havia um fogo no vapor, onde Issetibbeha jazia agonizante entre suas esposas, debaixo dos candelabros dependurados e da cama suspensa. Ele podia ver a fumaça e pouco antes do pôr do sol viu o médico sair, num colete feito de peles de jaritataca e pôr fogo em duas varas cobertas de barro nos arcos do convés do barco. “Então ele não está morto ainda”, o negro disse na escuridão sussurrante do palheiro, respondendo a si mesmo; podia ouvir as duas vozes, ele e ele mesmo:

“Quem não morto?”

“Você está morto.”

“Yao, eu estou morto”, disse calmamente. Desejou estar onde estavam os tambores. Imaginou-se saltando de entre os arbustos, pulando entre os tambores com seus membros nus, magros, oleosos e invisíveis. Mas não podia fazer isso, porque o homem saltava para fora da vida, para lá onde estava a morte; ele arremetia em direção à morte e não morria, porque quando a morte tomava um homem, tomava-o só neste lado do fim da vida. Era quando a morte o ultrapassava por trás, ainda em vida. O fino sussurro dos pés de rato extinguiu-se em rajadas débeis ao longo das vigas. Uma vez ele havia comido rato. Era um rapaz, então, mas acabado de chegar à América. Tinham vivido por noventa dias num compartimento de carga com menos de um metro de altura em latitudes tropicais, escutando acima deles o capitão da Nova Inglaterra embriagado entoando alto de um livro que ele não reconheceria dez anos depois como sendo a Bíblia. Acocorado daquela forma no compartimento, ele tinha observado o rato, civilizado, comparado ao homem desprovido de sua inerente destreza de membro e olho; ele o apanhara sem dificuldade, quase sem mover a mão e comeu-o vagorosamente, surpreendido por haver qualquer um dos ratos escapado por tanto tempo. Naquela época ele ainda usava a única veste branca que o mercador, diácono da igreja Unitária, lhe havia dado, e falava apenas a sua língua nativa.

Estava nu agora, salvo por um par de calças de brim comprado pelos índios aos homens brancos, e um amuleto pendurado numa tira de couro em torno dos quadris. O amuleto consistia de metade de um *lorgnon* de madrepérola que Issetibbeha havia trazido de Paris, e o crânio de uma serpente d'água venenosa. Ele mesmo havia matado a serpente e a comera, exceto o veneno da cabeça. Ele jazia no palheiro, observando a casa, o barco a vapor, ouvindo os tambores, pensando em si mesmo entre os tambores.

Ficou lá a noite toda. Na manhã seguinte viu o doutor sair, em sua veste de jaritaca e montar na mula e afastar-se, e ficou bem quieto e olhou a poeira final por baixo dos

pés delicados da mula se extinguir, e então descobriu que ainda estava respirando e pareceu-lhe estranho que ainda respirasse o ar, ainda precisasse de ar. Então se deitou e observou calmamente, esperando mover-se, os globos oculares um tanto luminosos, mas com uma luz calma, e sua respiração leve e regular, e viu Louis Berry sair e olhar para o céu.

Já estava bem claro então e cinco índios já se agachavam em suas roupas domingueiras no convés do vapor; ao meio-dia havia vinte e cinco lá. Naquela tarde cavaram a trincheira na qual a carne seria assada, e os inhames; naquele momento havia quase cem convidados – decorosos, calmos, pacientes em suas vestes europeias engomadas – e ele viu Berry retirar a égua de Issetibbeha do estábulo e amarrá-la a uma árvore, e então viu Berry emergir da casa com o velho cão de caça que ficava ao lado da cadeira de Issetibbeha. Ele amarrou o cão à árvore também, e este se sentou ali, olhando gravemente em torno para os rostos. Em seguida começou a uivar. Ainda uivava ao anoitecer quando o Negro desceu da parede de trás e entrou no braço de riacho, onde já estava escuro. Começou a correr, então. Podia ouvir o cão de caça uivando atrás dele, e perto do riacho, já correndo, passou por outro Negro. Os dois homens, um imóvel e o outro correndo, entreolharam-se por um instante como se através de um limite real entre dois mundos diferentes. Ele corria para dentro da completa escuridão, lábios cerrados, punhos fechados, as largas narinas bufando com regularidade.

Continuou correndo na escuridão. Conhecia bem o lugar, porque havia caçado ali muitas vezes com Issetibbeha, seguindo no dorso da mula o curso da raposa ou do gato selvagem ao lado da égua de Issetibbeha; conhecia-o tão bem quanto os homens que o perseguiriam. Ele os viu pela primeira vez pouco antes do pôr do sol no segundo dia. Havia corrido trinta milhas então, subindo pelo fundo do riacho, antes de voltar-se; da copa de um mamoeiro ele viu a perseguição pela primeira vez. Havia dois deles, em manga de camisa e chapéus de palha, carregando suas calças bem dobradas sob os

braços e não tinham armas. Eram de meia-idade, pançudos e não podiam se mover muito depressa mesmo; transcorreriam doze horas antes que pudessem alcançar o lugar de onde os vira. “Então terei até a meia-noite para descansar”, disse. Estava próximo o bastante da plantação para sentir o cheiro dos fogos onde se cozinhava e pensou em como devia estar faminto, uma vez que não tinha comido em trinta horas. “Mas é mais importante descansar”, disse consigo mesmo. Prosseguia falando isso para si mesmo, do alto do mamoeiro, porque os esforços do descanso, a necessidade e a pressa para descansar, faziam seu coração bater do mesmo modo que a corrida tinha feito. Era como se houvesse esquecido como descansar, como se seis horas não fosse bastante tempo para fazê-lo, para lembrar-se de novo de como fazê-lo.

Logo que veio a escuridão ele moveu-se novamente. Ele tinha pensado em prosseguir firme e silenciosamente toda a noite, uma vez que não havia nenhum lugar aonde ir, mas logo que se moveu começou a correr em velocidade máxima, enfrentando o peito arquejante, as amplas narinas chamejantes através da escuridão cortante e abafada. Correria por uma hora, perdido, sem direção, quando de súbito parou e depois de um tempo as batidas do seu coração desembaraçaram-se do som dos tambores. Pelo som eles estavam a menos de duas milhas; ele seguiu o som até que pôde sentir o cheiro do fogo indistinto e sentir o gosto da fumaça acre. Quando parou entre eles, os tambores não cessaram; apenas o chefe veio até ele onde ele se postava na fumaça ondulante, ofegando, as narinas chamejando e pulsando, o brilho silencioso das órbitas incessantes na face enlameada como se fossem movidas pelos pulmões.

“Nós vos esperávamos”, o chefe disse. “Ide, agora.”

“Ir?”

“Comei e ide. Os mortos não podem consorciar-se aos vivos; vós o sabeis.”

“Yao. Sei disso.” Eles não se olhavam. Os tambores não haviam cessado.

“Comereis?”, o chefe disse.

“Não tenho fome. Apanhei um coelho

esta tarde e comi-o enquanto estava escondido.”

“Levai um pouco de carne cozida convosco, então.”

Ele aceitou a carne cozida, embrulhada em folhas, e entrou no fundo do riacho de novo; depois de um tempo o som dos tambores cessou. Caminhou com firmeza até o raiar do dia. “Tenho doze horas”, disse. “Talvez mais, uma vez que a trilha foi seguida durante a noite.” Agachou-se e comeu a carne e limpou as mãos nas coxas. Então se levantou e tirou as calças de brim e agachou-se novamente ao lado de um brejo e cobriu-se de lama – rosto, braços, corpo e pernas – e agachou-se de novo, segurando os joelhos, a cabeça curvada. Quando clareou o bastante para enxergar, voltou ao pântano e agachou-se de novo e adormeceu assim. De modo algum sonhou. Foi bom que se movesse porque, acordando de súbito em plena luz do dia e com o sol alto, viu os dois índios. Estes ainda carregavam as calças muito bem dobradas; estavam no lado oposto do lugar onde ele se escondia, pançudos, gordos, flácidos, um tanto ridículos em seus chapéus de palha e em mangas de camisa.

“Esse é um trabalho fatigante”, disse um.

“Preferia estar em casa na sombra”, disse o outro. “Mas tem o Homem esperando à porta da terra.”

“Yao.” Olharam em torno calmamente; inclinando-se, um deles removeu da camisa um grumo de cardos. “Dane-se aquele Negro”, disse.

“Yao. Quando foram para nós algo mais que provação e aflição?”

No começo da tarde, do alto de uma árvore, o Negro observou a plantação. Podia ver o corpo de Issetibbeha numa rede entre as duas árvores onde o cavalo e os cachorros estavam amarrados e o pátio perto do barco a vapor cheio de vagões e cavalos e mulas, com carroças e cavalos selados, enquanto em agrupamentos coloridos as mulheres e as crianças menores e os velhos agachavam-se perto da longa trincheira onde a fumaça da carne soprava vagarosa e densa. Os homens e os rapazes estariam lá embaixo no fundo do riacho

atrás dele, na trilha, suas roupas domingueiras cuidadosamente enroladas e presas nas forquilhas das árvores. Havia um grupo de homens perto da porta da casa, porém, do salão do vapor, e ele os olhava e depois de um tempo viu-os transportarem Mocketubbe para fora numa liteira feita de pele de gamo e paus de caqui; bem escondido no seu nicho folhoso o Negro, a caça, observava calmamente seu destino irrevogável com uma expressão tão profunda quanto a do próprio Mocketubbe. “Yao”, disse calmamente. “Ele irá então. Aquele homem cujo corpo tem estado morto por quinze anos irá também.”

No meio da tarde deparou-se frente a frente com um índio. Estavam ambos sobre um tronco atravessado num brejo – o Negro sombrio, magro, incansável e desesperado; o Índio espesso, flácido, a encarnação aparente da perfeita e suprema relutância e inércia. O Índio não fez qualquer movimento, nenhum som; parado no tronco e olhando o Negro mergulhar no ribeiro e nadar até a margem e embrenhar-se no mato.

Pouco antes do pôr do sol ele jazia por trás de um tronco caído. Tronco acima em vagarosa procissão caminhava uma fileira de formigas. Ele as apanhou e comeu-as devagar, com uma espécie de indiferença, como a de um convidado comendo amendoins salgados de um prato. Elas também tinham um gosto salgado, engendrando uma reação salivar fora de toda proporção. Comeu-as devagar, vendo a linha contínua mover-se tronco acima e para dentro do seu destino cego com uma constante e impressionante uniformidade. Ele não havia comido nada além disso durante todo o dia; sob a máscara emplastrada de lama seus olhos rolavam nas bordas avermelhadas. Ao pôr do sol, rastejando ao longo da margem do riacho até onde havia localizado um sapo, uma cascavel atacou-o de repente no antebraço com um golpe cego e lento. Atacou-o rudemente, deixando duas longas marcas no braço como dois cortes de navalha e meio esticada com sua própria força e fúria, parecia por um instante extremamente desamparada ante seu próprio embaraço e raiva colérica. “Olé, avô”, o

Negro disse. Ele tocou-lhe a cabeça e viu-a mordê-lo de novo no braço, e de novo, com golpes cegos, aguçados, desajeitados. Ele disse então novamente: “É que não desejo morrer”, num tom calmo, de estupefação quieta e completa, como se algo que, até que as palavras se dissessem, ele achasse que não tinha sabido, ou desconhecera a profundidade e a extensão do desejo.

V

Mocketubbe levou os chinelos com ele. Não podia usá-los muito tempo em movimento, nem mesmo na liteira onde fora posto reclinado, e eles então descansavam sobre um quadrado de pele de gamo no seu colo – os chinelos puídos, quebradiços agora, um tanto deformados, com suas superfícies escamosas de couro envernizado e linguetas desafiveladas e saltos escarlates, jazendo sobre a indolente forma obesa quase morta, carregada pelo pântano e pelas urzes por turnos alternados de homens que sustentavam com firmeza o dia inteiro o crime e seu objeto, no negócio do assassinato. Para Mocketubbe deve ter sido como se ele, mesmo imortal, estivesse sendo transportado rapidamente pelo inferno por espíritos condenados que, vivos, tinham contemplado seu desastre e, mortos, eram parceiros esquecidos da sua condenação.

Depois de descansar por um momento, a liteira foi apoiada no centro do círculo dos agachados e Mocketubbe, estático no interior, com os olhos fechados e sua face de súbito pacificada pelo instante e cheia de inescapável presciência, podia usar os chinelos por um tempo. O jovem calçou-os nele, forçando seus pés grandes, tenros, hidróticos dentro deles; depois do que em sua face apareceu de novo aquela expressão trágica, passiva e profundamente atenta, que os melancólicos ostentam. Então eles prosseguiram. Ele não fez nenhum movimento, nenhum som, inerte na liteira rítmica por alguma reserva de inércia, ou talvez virtude majestosa tal como a coragem ou fortaleza. Passado um tempo eles baixaram a liteira e olharam para ele, para a face amarelada

como a de um ídolo, salpicada de suor. Então Três Cestos ou Teve-Dois-Pais dizia: “Tire-as. A honra foi servida”. Eles removiam os chinelos. A face de Mocketubbe não se alterava, mas só então sua respiração tornava-se perceptível, entrando e saindo por seus lábios pálidos com um débil som “ah-ah-ah”, e eles se agachavam de novo enquanto os mensageiros e os corredores apareciam.

“Ainda não?”

“Ainda não. Ele está indo para o leste. Ao pôr do sol vai alcançar a Boca de Tip-pah. Então retornará. Podemos apanhá-lo amanhã.”

“Esperemos que sim. Já não era sem tempo.”

“Yao. Já se passaram três dias.”

“Quando Doom morreu, levou somente três dias.”

“Mas aquele era um velho. Este é um jovem.”

“Yao. Uma boa corrida. Se ele for apanhado amanhã, eu ganho um cavalo.”

“Que você possa ganhá-lo.”

“Yao. Esse trabalho não é agradável.”

Aquele foi o dia em que a comida acabou na fazenda. Os convidados voltaram às suas casas e retornaram no dia seguinte com mais comida, o bastante para mais uma semana. Naquele dia Issetibbeha começou a feder; podia-se sentir-lhe o cheiro um bom percurso acima e abaixo do fundo do rio quando ficou quente perto do meio-dia e o vento soprou. Mas não capturaram o Negro naquele dia, nem no dia seguinte. Era próximo do crepúsculo do sexto dia quando os mensageiros vieram até a liteira; haviam encontrado sangue. “Ele feriu-se.”

“Nada grave, espero”, disse Cestos. “Não podemos mandar com Issetibbeha alguém que não lhe será útil.”

“Nem que o próprio Issetibbeha tenha que cuidar e pajear”, disse Berry.

“Nós não sabemos”, disse o mensageiro. “Ele se escondeu. Arrastou-se de volta para o pântano. Deixamos lá estacas.”

Eles trotavam com a liteira agora. O lugar por onde o Negro havia se arrastado até o pântano estava a uma hora de distância. Na pressa e na excitação tinham esquecido que

Mocketubbe ainda usava as sandálias; quando alcançaram o lugar, Mocketubbe havia desmaiado. Eles removeram as sandálias e o trouxeram.

No escuro, formavam um círculo perto do pântano. Agachavam-se, cobertos de mosquitos; a estrela da tarde brilhava baixa e próxima a oeste, e as constelações começavam a girar no alto. “Vamos dar-lhe tempo”, disseram. “Amanhã é só outro nome para hoje.”

“Yao. Deixem que ele tenha tempo.” Eles então cessaram, e fitaram juntos a escuridão onde jazia o pântano. Depois de um tempo o barulho parou, e logo o mensageiro emergiu da escuridão.

“Ele tentou escapar.”

“Mas você o fez retornar?”

“Ele retornou. Tememos por um momento, nós três. Podíamos sentir o cheiro dele rastejando na escuridão, e podíamos sentir algo mais, de que não sabíamos. Era por isso que temíamos, até que ele nos disse. Disse para matá-lo ali, uma vez que estava escuro e ele não teria que ver-lhe o rosto quando viesse. Mas não era aquilo que cheirávamos; ele nos disse o que era. Uma cobra o atacara. Isso foi há dois dias. O braço inchara, e cheirava mal. Mas não era aquilo que cheirávamos então, porque o inchaço diminuía e seu braço não estava maior que o de uma criança. Ele nos mostrou. Sentimos o braço, todos nós sentimos; não era maior que o de uma criança. Pediu que lhe déssemos um machado para que cortasse fora o braço. Mas amanhã é hoje também.”

“Yao. Amanhã é hoje.”

“Tememos por um instante. Ele então retornou ao pântano.”

“Isso é bom.”

“Yao. Tememos. Devemos dizer ao Homem?”

“Vou ver”, Cestos disse. Ele afastou-se. O mensageiro agachou-se, falando de novo do Negro. Cestos voltou. “O Homem disse que está bem. Volte ao seu posto.”

O mensageiro afastou-se agachando-se. Eles se agachavam em torno da liteira; de vez em quando cochilavam. Pouco depois da meia-noite o Negro os acordou. Ele

começara a gritar e a falar consigo mesmo, a voz saindo nítida e súbita da escuridão, e em seguida ficara em silêncio. Veio o amanhecer; uma garça branca cruzou vagarosamente o céu de junquilha. Cestos estava acordado. “Vamos agora”, disse. “É hoje.”

Dois índios entraram no pântano, os movimentos ruidosos. Antes de alcançarem o Negro, pararam, porque ele começou a cantar. Eles podiam vê-lo, nu e coberto de lama, sentado num tronco, cantando. Eles se agacharam silenciosamente, a uma curta distância, até que ele terminou. Ele estava cantando algo na sua própria língua, a face erguida para o sol nascente. A voz era clara, cheia, com uma qualidade selvagem e triste. “Deixe que ele tenha tempo”, os índios disseram, agachados, esperando. Ele parou e eles se aproximaram. Ele também os olhou através das rachaduras da máscara de lama. Os olhos dele estavam com raios vermelhos, os lábios rachados sobre os dentes curtos e quadrados. A máscara de lama parecia estar frouxa em seu rosto, como se ele tivesse perdido carne desde que se cobrira com ela; mantinha o braço esquerdo próximo ao peito. Do cotovelo para baixo estava coberto e deformado pela lama negra.

Eles podiam sentir seu cheiro, um cheiro rançoso. Ele os olhava calmamente até que um tocou-o no braço. “Venha”, disse o Índio. “Você correu bem. Não se envergonhe.”

VI

Ao se aproximarem da *plantation* na clara manhã maculada, os olhos do Negro começaram a rolar um pouco, como os de um cavalo. A fumaça do fogo a carvão soprava baixo ao longo da terra e sobre os convidados agachados e à espera no terreiro e sobre o convés do barco a vapor, envergando seus ornatos brilhantes, toscos e de cores berrantes; as mulheres, as crianças, os velhos. Eles tinham enviado mensageiros ao longo do leito do rio, e outro à frente, e o corpo de Issetibbeha já havia sido removido para onde a sepultura esperava, junto com o cavalo e o cão, embora ainda pudessem

sentir-lhe o cheiro de morte na casa onde ele vivera em vida. Os convidados começavam a mover-se em direção à sepultura onde os carregadores da liteira de Mocketubbe galgavam o declive.

O Negro era o mais alto ali, sua cabeça alta, estreita e emplastrada de lama avultando por sobre todos eles. Respirava com dificuldade, como se o esforço desesperado dos seis dias suspensos e desesperados tivesse se empilhado sobre ele de uma só vez; embora todos andassem devagar, seu peito nu coberto de cicatrizes subia e descia sobre o braço esquerdo recolhido. Ele olhava para cá e para lá continuamente, como se não estivesse enxergando, como se a visão nunca emparelhasse com o olhar. Sua boca estava meio aberta sobre os grandes dentes brancos; ele começou a arquejar. Os convidados que já se moviam pararam, olhando para trás, alguns com pedaços de carne nas mãos, enquanto o Negro olhava em torno para suas faces com seus olhos selvagens, contidos, incessantes.

“Quer comer antes?”, Cestos disse. Ele teve de dizer duas vezes.

“Sim”, o Negro disse. “É isso. Quero comer.”

A multidão começava a apinhar-se em direção ao centro; a informação passou até o ponto extremo: “Ele comerá primeiro”.

Eles alcançaram o barco a vapor. “Sente-se”, Cestos disse. O Negro sentou-se na borda do convés. Ele ainda arfava, o peito subindo e descendo, a cabeça incessante com as órbitas brancas, voltando de um lado a outro. Era como se a incapacidade de ver viesse de dentro, da desesperança, não da ausência de visão. Eles trouxeram comida e observavam calmamente enquanto ele tentava comer. Ele pôs a comida na boca e mastigou-a, mas, mastigando, o bolo alimentar semitriturado começava a emergir dos cantos da boca e caía-lhe no queixo, no peito, coberto de lama seca, o prato sobre os joelhos, os olhos escancarados e incessantes, arfando e arfando. Eles o olhavam, pacientes, implacáveis, em espera.

“Venha”, Cestos disse finalmente.

“É água que eu quero”, o Negro disse. “Eu quero água.”

O poço ficava um pouco abaixo do declive que levava à senzala. O declive estava salpicado pelas sombras do meio-dia, daquela hora serena quando, Issetibbeha cochilando em sua cadeira e esperando o almoço e a longa tarde para dormir, o Negro, o serviçal, ficava livre. Ele sentava-se à porta da cozinha, então, falando com as mulheres que preparavam a comida. Para além da cozinha a vereda entre os quartos ficava quieta, serena, com as mulheres falando umas com as outras através da vereda e a fumaça dos fogos do jantar soprando por sobre os negrinhos como brinquedos de ébano na poeira.

“Venha”, Cestos disse.

O Negro caminhava entre eles, o mais alto de todos. Os convidados encaminhavam-se para onde Issetibbeha e o cavalo e o cachorro esperavam. O Negro caminhava com sua alta cabeça incessante, seu peito arfante. “Venha”, Cestos disse. “Você queria água.”

“Sim”, o Negro disse. “Sim.” Ele olhou para trás para a casa, então para a senzala, onde hoje nenhum fogo ardia, nenhum rosto se mostrava em qualquer porta, nenhum negrinho na poeira, arfando. “Atacou-me aqui, arranhando-me este braço; uma, duas, três vezes. Eu disse, ‘Olé, Avô’.”

“Venha agora”, Cestos disse. O Negro ainda estava passando pela experiência de caminhar, o joelho para o alto, a cabeça

elevada, como se estivesse numa esteira. Suas órbitas tinham um brilho selvagem, refreado, como as de um cavalo. “Você queria água”, Cestos disse. “Aqui está.”

Havia uma cuia no poço. Eles a mergulharam por completo e deram-na ao Negro, e viram-no tentar beber. Seus olhos não haviam cessado enquanto ele inclinava a cuia devagar na direção do seu rosto emplastrado. Eles podiam ver sua garganta se movendo e a água clara caindo em forma de cascata dos dois lados da cuia, sobre o queixo e o peito. De repente a água parou. “Venha”, Cestos disse.

“Espere”, o Negro disse. Ele mergulhou a cuia de novo e inclinou-a em direção à face, sob os olhos incessantes. Novamente eles viram-lhe a garganta mover-se e a água não engolida repartida em fragmento e miríade queixo abaixo, abrindo canais no peito revestido. Esperaram, pacientes, graves, decorosos, implacáveis; membro do clã e convidado e parente. Então a água cessou, embora ainda a cuia vazia se inclinasse mais alto e mais alto, e ainda sua garganta negra macaqueasse o movimento vão da deglutição frustrada. Um pedaço de lama amolecida pela água escorreu do seu peito e quebrou-se aos seus pés lamacentos, e na cuia vazia eles podiam escutar-lhe a respiração: ah-ah-ah

“Venha”, Cestos disse, tomando a cuia do Negro e pendurando-a de volta no poço.